

## CAPÍTULO LXXIV<sup>1</sup>

### História de D. Plácida

Não te arrependas de ser generoso; a pratinha rendeu-me uma confidência de D. Plácida, e conseguintemente este capítulo. Dias depois, como eu a achasse só em casa, travamos palestra, e ela contou-me em breves termos a sua história. Era filha natural de um sacristão da Sé e de uma mulher que fazia doces para fora. Perdeu o pai aos dez anos. Já então ralava coco e fazia não sei que outros trabalhos<sup>2</sup> de doceira, compatíveis com a idade. Aos quinze ou dezesseis casou com um alfaiate, que morreu tísico algum tempo depois, deixando-lhe uma filha. Viúva e moça,<sup>3</sup> ficaram a seu cargo a filha, com dous anos,<sup>4</sup> e a mãe, cansada de trabalhar. Tinha de sustentar a três pessoas. Fazia doces, que era o seu ofício, mas cosia também, de dia e de noite, com afínco, para três ou quatro lojas, e ensinava algumas crianças do bairro, a dez tostões por mês. Com isto iam-se passando os anos, não a beleza, porque não a tivera nunca. Apareceram-lhe alguns namoros, propostas, seduções, a que resistia.

– Se eu pudesse encontrar outro marido, disse-me ela, creia que me teria casado; mas ninguém queria casar comigo.

Um dos pretendentes conseguiu fazer-se aceito; não sendo, porém, mais delicado que os outros, D. Plácida despediu-o do mesmo modo, e, depois de o despedir, chorou muito.<sup>5</sup> Continuou a coser para fora e a escumar os tachos. A mãe tinha a rabugem do temperamento, dos anos e da necessidade; mortificava a filha para que tomasse um dos maridos de empréstimo e de ocasião que lha pediam. E bradava:

– Queres ser melhor do que eu?<sup>6</sup> Não sei donde te vêm<sup>7</sup> essas fidúcias de pessoa rica. Minha camarada, a vida não se arranja à toa; não se come vento. Ora esta! Moços tão bons como o Policarpo da venda, coitado... Esperas algum fidalgo, não é?

D. Plácida jurou-me que não esperava fidalgo nenhum. Era gênio. Queria ser casada. Sabia muito bem que a mãe o não fora, e conhecia algumas que tinham só o seu moço delas; mas era gênio e queria ser casada. Não queria também que a filha fosse outra cousa. Trabalhava muito,<sup>8</sup> queimando os dedos ao fogão, e os olhos ao candeeiro,

<sup>1</sup> CAPÍTULO LXXIV] CAPÍTULO LXXV – em MPBC1-1880.

<sup>2</sup> trabalhos] misteres – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>3</sup> Viúva e moça,] Viúva, com pouco mais de vinte anos, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>4</sup> com dous anos,] com dous, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>5</sup> e, depois de o despedir, chorou muito.] e depois de o despedir chorou muito. – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>6</sup> do que eu?] do eu? – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>7</sup> vêm] vem – em MPBC1-1880, em MPBC2-1881, em MPBC3-1896, em MPBC4-1899 e em MPBCEC-1960. O “Epítome da gramática portuguesa” (1813, p. XLV), de Antônio de Moraes Silva, oferece, para a terceira pessoa do plural do verbo “vir” as opções “vem” e “vēi”.

<sup>8</sup> Trabalhava muito,] E trabalhava muito, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

para comer e não cair. Emagreceu, adoeceu, perdeu a mãe, enterrou-a por subscrição, e continuou a trabalhar. A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, a não ser namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula. D. Plácida vivia com imensos cuidados, levando-a consigo, quando tinha de ir entregar costuras. A gente das lojas<sup>9</sup> arregalava e piscava os olhos, convencida de que ela a levava para colher marido ou outra cousa. Alguns diziam graçolas, faziam cumprimentos; a mãe chegou a receber propostas de dinheiro...

Interrompeu-se um instante, e continuou logo:

– Minha filha fugiu-me; foi com um sujeito, nem quero saber... Deixou-me só, mas tão triste, tão triste, que pensei morrer. Não tinha ninguém mais no mundo e estava quase velha e doente. Foi por esse tempo que conheci a família de Iaiá:<sup>10</sup> boa gente, que me deu que fazer, e até chegou a me dar casa. Estive lá muitos meses, um ano, mais de um ano, agregada, costurando. Saí quando Iaiá casou. Depois vivi como Deus foi servido. Olhe os meus dedos, olhe estas mãos... E mostrou-me as mãos grossas e gretadas, as pontas dos dedos picadas da agulha. – Não se cria isto à toa, meu senhor; Deus sabe como é que isto se cria... Felizmente, Iaiá me protegeu, e o senhor doutor também... Eu tinha um medo de acabar na rua, pedindo esmola...

Ao soltar a última frase, D. Plácida teve um calafrio.<sup>11</sup> Depois, como se tornasse a si, pareceu atentar na inconveniência daquela confissão ao amante de uma mulher casada, e começou a rir, a desdizer-se, a chamar-se tola, “cheia de fidúcias”,<sup>12</sup> como lhe dizia a mãe; enfim, cansada do meu silêncio, retirou-se da sala. Eu fiquei a olhar para a ponta do botim.

---

<sup>9</sup> entregar costuras. A gente das lojas] entregar costuras; e a gente das lojas – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>10</sup> Iaiá:] Iaiá; – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>11</sup> calafrio.] calefrio. – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881 (nessa edição, em alguns exemplares o “e” não vem impresso; o espaço reservado à letra está em branco).

<sup>12</sup> “cheia de fidúcias”,] “cheia de fidúcias,” – em MPBC1-1880, em MPBC2-1881, em MPBC3-1896, em MPBC4-1899 e em MPBCEC-1960.